

## *Dom Quixote: Utopias*

André Trouche e Livia Reis, (orgs.)  
Niterói: EdUFF, 2005.

Rodrigo F. Labriola  
(UERJ)

Poucas palavras estão hoje tão depreciadas de sentido como “Quixote” ou “Utopia”: ao que parece, durante as Celebrações Centenárias o mercado simbólico sofre um surto inflacionário que atinge com singular virulência a cultura livresca. Depois dessa emissão incontrolada de significantes, geralmente certas obras literárias remanescem ainda mais longínquas do que já eram para os leitores não especializados. Tudo isso, caso fosse admissível uma teoria da economia política dos signos... Mas talvez seja tempo de nos afastar dos modelos econômicos sobre-impressos à literatura em direção de outras configurações capazes de agir melhor sobre esse fenômeno de esvaziamento nos discursos do cotidiano. Daí o desafio implícito no título da compilação *Dom Quixote: Utopias*, organizada por André Trouche (UFF) e Livia Reis (UFF). Sem aditamentos nem prevenções, essas poucas palavras previsíveis ganham uma nova complexidade quando considerarmos a forma e o conteúdo do livro, neste caso feliz e inextricavelmente relacionados.

Com o apoio da Prefeitura de Niterói, a edição se apresenta cuidada tanto nos textos como na reprodução das imagens que complementam alguns dos capítulos. Não se trata, porém, de uma obscena edição de luxo para glorificar costumeiros atos de governo ou de verbas universitárias. A tentativa é refletir sobre a obra de Cervantes sem apagar nem sua escrita nem seus possíveis leitores contemporâneos. Nesse sentido, um acerto indiscutível é a inclusão, no mesmo nível dos trabalhos críticos, de quatro fragmentos chaves do *Dom Quixote* em espanhol, e também das suas respectivas traduções livres para o português, a cargo de Magnólia Brasil Barbosa do Nascimento (UFF), Antonio Esteves (UNESP-

Assis), Susana Planas (UFF) e Heloisa Costa Milton (UNESP-Assis). A presença das duas línguas deve ser destacada se levarmos em conta o apoio governamental à edição e a sua esperável distribuição nas bibliotecas escolares, pois indica uma vontade não de uma mera difusão mas da procura do ensino efetivo do espanhol no Brasil. Os claros comentários dos tradutores que seguem aos fragmentos de Cervantes reforçam este objetivo, porque se é verdade que a boa literatura já não é de ninguém mas da memória ou da tradição, então toda língua pode também ser uma forma extremada das literaturas. Certamente, recuperar o *Dom Quixote* é uma ilustre compensação da banalidade de certos materiais didáticos; mas, por outro lado, as traduções junto ao original propõem uma hipótese problemática para a tecnocracia lingüística: que a vitalidade de uma língua depende em grande medida do contato com as outras e, sobretudo, da sua *apropriação literária*. A liberdade para traduzir, e o conseqüente sinal aberto para que muitos leitores amadores se atrevam a realizar suas traduções, constituem de fato uma prazerosa indústria para produzir ou reencontrar sentidos na própria língua, abalando o vazio dos lugares-comuns. Ler não é outra coisa senão isso; nesse ponto, a cultura audiovisual ainda leva fraldas, ou pior.

De maneira complementar, outro mérito da compilação é não ocultar as tensões decorrentes do caótico estado da questão em torno da significação atual do *Dom Quixote* e das utopias. Percebe-se em todos os autores a preocupação por esse assunto para além das homenagens oportunistas. Por isso, os textos críticos trabalham por vezes enfoques teóricos que resultam contraditórios entre si, mas a vantagem do livro reside precisamente nessa pluralidade, que libera o leitor e o autoriza a escolher alguns deles, ou quiçá nenhum. Entre os temas mais relevantes para a literatura comparada se encontram as múltiplas relações do *Quixote* com a obra de Machado de Assis, grande leitor de Cervantes. Maria Augusta da Costa Vieira (USP) mapeia com rigorosidade a recepção do *Quixote* no Brasil, e sua síntese evidencia a necessidade de aprofundar os estudos das conexões entre o manco de Lepanto e o bruxo do Cosme Velho, ainda pouco exploradas pela crítica. Embora limitado aos problemas de gênero, o trabalho de Eurídice Figueiredo (UFF) serve a tal propósito e adiciona ao quadro a perspectiva de Flaubert. A mexicana María Stoopan Galán (UAM)

analisa a ficção e a língua no *Quixote* a partir dos discursos sobre o corpo e a subjetividade, não sem estimulantes surpresas: consegue driblar as fartamente repetidas (e maiormente mal lidas) citações de Michel Foucault e Norbert Elias. Por sua vez, a atualidade irrompe por duas vias diferenciadas nos textos de Gustavo Bernardo Krause (UERJ) e Márcia Paraquett (UFF). No primeiro, o ceticismo se alia à ironia em defesa da ficção: é possível que cada metáfora quixotesca carregue a semente estéril de sua própria destruição (como nas Vanguardas), mas o âmago da literatura goza e faz gozar disso, entanto o discurso da política a aproveita para fins medíocres: o presidente venezuelano Chaves, e também outros políticos, são prova disso segundo o autor. Por sua vez, o texto de Márcia Paraquett estuda com singular ênfase o paradigma de recepção contemporâneo fora da literatura, seguindo o modelo da análise do discurso. As suas observações sobre uma charge do desenhista Nani arriscam uma leitura política do (último?) escândalo no governo do presidente Lula em torno do ex ministro Palocci.

Menção aparte exigem os artigos de Lygia Rodrigues Vianna Peres e de Paulo Bezerra, ambos professores da UFF, devido a sua originalidade. A primeira descreve a “memória literária” do personagem de Dom Quixote, que dependendo das circunstâncias e das impressões visuais ao longo da história vai lembrando frases que poderia ter lido na sua biblioteca ou ouvido dos *romances* populares; assim, Alonso Quijano (em tanto leitor fanático) compartilha com Cervantes “a memória como registro específico da expressão literária”. A conclusão é instigante: o Quixote é um delírio motivado pelo temporal e simultâneo esquecimento do autor e dos seus personagens. Quanto ao trabalho de Paulo Bezerra, a figura de Sancho Pança é focalizada à luz da carnavalização de Bakhtin. O deslocamento da leitura para o parceiro lhe permite estabelecer os diferentes tipos de diálogo do fidalgo com os outros, inclusive com o apócrifo de Avellaneda. O jogo de duplicações reconstrói com sucesso a figura do Quixote como um personagem artificial, plural e polifônico, afastado dos estereótipos tanto da loucura como do heroísmo.

Cada um dos textos do livro, por vias diferenciadas, tenta trazer para terra o problema das utopias. Isto é: procura que *Dom Quixote* seja um livro destinado à atividade civil da leitura, e que os leitores pensem sobre o mundo que os rodeia e nas suas possi-

bilidades. Esse seria um bom exercício para fazer também em outros casos, como o daquele homem que em 1965 escreveu “otra vez siento bajo mis talones el costillar de Rocinante” no início de uma carta dirigida a seus pais, antes de ir rumo à Bolívia. A ele devemos, também, adjudicar uma leitura da obra de Cervantes talvez bem mais sutil do que cremos.